A descontinuidade na História do Desporto e o Dr. José Mourinho

Por Manuel Sérgio

Começo por citar Vergílio Ferreira: “(...) na relação de nós com a nossa época... o tempo que nos coube está pensando em nós. Não, todavia, **em vez de nós**, mas **por meio de nós**. Porque, se não está nas nossas mãos o nosso próprio destino, é nas nossas mãos que está fazer que ele seja nosso” (**Espaço do Invisível III**, p. 300). “O futebol é um jogo predominantemente tático” não há especialista, nesta modalidade, que o não afirme. No entanto, quando, daqui a alguns anos, se recordar o Barcelona-Bayern, de 6 de Maio de 2015 (um exemplo, entre outros) não é a geometria tática dos dois treinadores que as pessoas irão realçar, mas, com toda a certeza, a exibição de Lionel Messi, autor de dois fantásticos golos e servindo Neymar, primorosamente, para o terceiro golo. O Barcelona vencera, por 3-0, o Bayern de Munique, mas folheavam-se os jornais nacionais e os internacionais, do dia seguinte ao jogo, e essa espécie de quase bajulação obrigatória, pela tática, que é tradicional entre alguns comentadores profissionais, nem uma letra eu descobri. De facto, não há jogos, há pessoas que jogam. Por isso, os jogos são tanto mais inesquecíveis e empolgantes e verdadeiros, quanto melhores são os seus intérpretes.

Na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa foi dia de festa, no passado dia 22 do mês em curso. O Dr. José Mourinho, treinador de futebol e figura de maior relevo tecnocientífico e mediático daquela Faculdade, visitou a Escola onde se licenciou e doutorou e onde disse aos alunos o que eles aguardam (e de longe vislumbram) numa ansiedade incontida: o que é preciso fazer, o que é preciso estudar, para se poder ser um treinador respeitado e vitorioso, no futebol altamente competitivo?... Estou certo que ele não hesitou, ao responder: Não é porque se lêem muitos livros, sobre metodologia do treino ou sobre a estratégia e a tática no futebol, que se é um treinador de sucesso, no futebol ou em qualquer outra modalidade. A leitura, o estudo são indispensáveis, mas as qualidades de liderança e a vivência do futebol são a base onde tudo assenta. Por circunstâncias que não interessa relembrar, neste momento, convivo com “agentes do futebol” desde criança que vii, pela primeira vez, a luz do dia a poucos metros do Estádio das Salésias, em Lisboa. E, com os meus 82 anos de vida, nenhum jogador me recordou, com emoção, um treinador de relevo, sem acentuar: “Era, sobretudo, um líder e um amigo!”.

Uma das originalidades dos velhos treinadores residia no facto de julgarem que a sua prática profissional poderia funcionar, com imaculada exatidão, desconhecendo o paradigma científico que a explicasse. E, sem o conhecimento do paradigma, como encontrar o método necessário? Ora, o Desporto é um dos aspetos da Motricidade Humana, ou seja, do “movimento, intencional e em grupo, da transcendência”. Que o mesmo é dizer: o objeto de observação e de estudo de um treinador de futebol (ou de um treinador desportivo) são os jogadores da equipa que lidera e das equipas adversárias. Numa palavra só: são **pessoas!** Ora, se são **pessoas**, o método a utilizar decorre necessariamente do pensamento complexo e encontramos-nos portanto no âmbito das ciências hermenêutico-humanas. O treino não se resume ao técnico, ao tático, ao físico e ao psicológico, mas engloba tudo o que permite e anuncia o êxito desportivo. Assim como não há razão pura, também o futebol é mais do que futebol pois que o humano é bem mais do que futebol. Com este género de análise apistemológica, o futebol logo refreia os seus pruridos de absoluta autonomia, pelo facto de tornar-se um, entre muitos, dos elementos da motricidade humana, seu radical fundante. O futebol não é princípio, nem fim, nem é principalmente biologia, o futebol (como o desporto, afinal) encontra-se no teatro decisivo da experiência humana. O futebol é o **Homem** que o pratica e a **Sociedade** e a **História**, que lhe imprimem significado e sentido. Do mesmo modo que se diz: **o estilo é o homem**, se poderá dizer o futebol é o homem. Ocorrem-me as palavras de Hans-Georg Gadamer da **Verdade e Método**: “o homem que não tem horizonte não enxerga suficientemente longe, pelo que hipervaloriza o que lhe está próximo” (p. 286 do texto alemão). O desporto deverá encarar-se como uma, entre outras, “memória especial da sociedade”, um campo privilegiado à

formação da consciência histórica. A grande aportação do desporto à filosofia atual é esta: a transcendência não é uma ideia, sente-se, experiencia-se, vivencia-se – é prática, antes de ser teoria. No futebol, portanto, quem não pratica não sabe.

Com isto, não se diz que não é preciso estudar, afirma-se tão-só que a prática é essencial, no conhecimento. Em **O Método III**, Edgar Morin salienta que o ato de conhecer “é, ao mesmo tempo, biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social, histórico, ele não pode dissociar-se da vida humana e das relações sociais”. No futebol, há mais do que futebol? “Jorge Costa, referindo-se ao tempo em que ainda era jogador do F.C.Porto: Adoro a minha profissão, mas ela tem o inconveniente de me impedir de estar o tempo que eu gostaria, com a minha família, porque os fins-de-semana, altura em que os filhos estão mais disponíveis, são normalmente ocupados, com estágios e jogos. Mourinho, percebendo o quanto isso me custava, fazia comigo a gestão dos cartões amarelos, de forma que falhasse um jogo em que ele entendia que eu fazia menos falta e dispensava-me dos treinos os dias suficientes, para eu poder fazer umas miniférias com a família” (Luís Lourenço, **Mourinho – a descoberta guiada**, p. 41). O José Mourinho, para mim o melhor treinador de futebol do mundo, é um treinador de excelência e que indubitavelmente inovou porque, na sua prática, mostra saber que é o humano, na sua integralidade, que ele tem de saber estudar e aconselhar e ouvir e liderar. A descontinuidade, na história do treino, é a passagem do físico à complexidade humana. Como já escrevi, num livrinho da minha autoria: “O treinador ideal será aquele que irradia o prestígio de longa existência de vitórias, na modalidade desportiva onde trabalha, de grande dignidade nas horas mais e menos felizes e de um querer inflexível, coroado por um grande humanismo, em todos os momentos” (**As Lições do Professor Manuel Sérgio**, p. 67). O treinador ideal, como o Dr. José Mourinho!